

# VARIAÇÃO LEXICAL NA LIBRAS E SEUS FATORES SOCIOLINGUÍSTICOS

*LEXICAL VARIATION IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE (LIBRAS) AND ITS SOCIOLINGUISTIC FACTORS*

**Deonísio Schmitt**

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

**Carla Beatriz Medeiros Klein**

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

**Adriano de Oliveira Gianotto**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

**Francielle Cantarelli Martins**

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

**Cleyton Costa dos Santos**

Universidade Federal do Ceará, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i4.612>

Aceito em: 13.04.2026

**Resumo:** A Língua Brasileira de Sinais (Libras), reconhecida como língua natural da comunidade surda, apresenta ampla variação lexical condicionada por fatores sociolinguísticos como região geográfica, idade dos sinalizantes, escolarização, identidade surda e contato linguístico. Essa diversidade interna não deve ser interpretada como ausência de padronização, mas como evidência da vitalidade da língua e da pluralidade cultural que a sustenta. A variação lexical revela trajetórias históricas distintas entre comunidades surdas, refletindo práticas sociais e educacionais específicas que moldaram repertórios próprios. A mudança lexical acompanha transformações sociais, tecnológicas e educacionais, demonstrando que a Libras está em constante processo de adaptação às necessidades comunicativas contemporâneas. A documentação dessas variações é essencial para a formação de intérpretes, professores e pesquisadores, pois fornece subsídios para práticas pedagógicas inclusivas e para o desenvolvimento de pesquisas que respeitem a diversidade interna da comunidade surda. Assim, compreender e registrar a variação lexical em Libras é fundamental para assegurar sua valorização, preservação e fortalecimento como língua plena e legítima.

**Palavras-chave:** Libras; Variação lexical; Sociolinguística; Comunidade surda; Mudança linguística



**Abstract:** The Brazilian Sign Language (Libras), recognized as the natural language of the deaf community, presents wide lexical variation conditioned by sociolinguistic factors such as geographic region, age of signers, schooling, deaf identity, and linguistic contact. This internal diversity should not be interpreted as a lack of standardization but as evidence of the vitality of the language and the cultural plurality that sustains it. Lexical variation reveals distinct historical trajectories among deaf communities, reflecting specific social and educational practices that shaped unique repertoires. Lexical change accompanies social, technological, and educational transformations, showing that Libras is in a constant process of adaptation to contemporary communicative needs. The documentation of these variations is essential for the training of interpreters, teachers, and researchers, as it provides support for inclusive pedagogical practices and for the development of research that respects the internal diversity of the deaf community. Therefore, understanding and recording lexical variation in Libras is fundamental to ensure its appreciation, preservation, and strengthening as a full and legitimate language.

**Keywords:** Libras; Lexical variation; Sociolinguistics; Deaf community; Language change

## 1 Introdução

A variação lexical na Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui um dos fenômenos mais expressivos da dinâmica sociolinguística que caracteriza as línguas naturais. Como língua de modalidade visuoespacial, a Libras apresenta especificidades estruturais que influenciam a forma como seus sinais se organizam, se transformam e se diversificam ao longo do tempo e do espaço. A literatura especializada demonstra que a variação lexical não é um desvio, mas um componente intrínseco ao funcionamento das línguas, refletindo processos históricos, sociais, culturais e identitários da comunidade surda brasileira (Silva, 2020).

A compreensão da variação lexical em Libras exige considerar a formação histórica das comunidades surdas no Brasil, marcadas por trajetórias educacionais distintas, políticas linguísticas tardias e desigualdades regionais. A ausência de padronização formal durante grande parte do século XX contribuiu para o desenvolvimento de repertórios lexicais próprios em diferentes regiões, escolas e associações de surdos. Como observa Silva (2020), a variação lexical é resultado direto da interação entre fatores internos à língua — como processos fonológicos e morfológicos — e fatores externos, especialmente os socioculturais.

Entre os fatores sociolinguísticos mais relevantes, destaca-se a variação regional. Estudos como o de Silva (s.d.) sobre os sinais *MÃE* e *PAI* em Florianópolis demonstram que comunidades surdas geograficamente distintas desenvolvem sinais próprios para conceitos cotidianos, muitas vezes influenciados por tradições locais, redes de interação e trajetórias educacionais específicas. Essa variação regional é amplamente documentada em línguas de sinais ao redor do mundo e constitui um marcador identitário importante, reforçando o pertencimento a comunidades locais.

Outro fator determinante é a faixa etária dos sinalizantes. Sinalizantes mais jovens tendem a adotar sinais mais recentes, frequentemente influenciados por escolas bilíngues, redes sociais e circulação ampliada de conteúdos em Libras. Em contraste, sinalizantes mais velhos preservam sinais tradicionais, muitos deles associados ao período pré-reconhecimento oficial da Libras, quando práticas oralistas restringiam o uso público da língua. Essa diferença geracional evidencia processos de mudança linguística em curso, nos quais variantes mais inovadoras coexistem com formas conservadoras, como apontam Miranda *et al.* (2023).

A escolarização também exerce papel central na constituição do repertório lexical. Ambientes educacionais bilíngues, que valorizam a Libras como primeira língua da pessoa surda, tendem a promover maior circulação de sinais amplamente reconhecidos pela comunidade surda nacional. Por outro lado, contextos oralistas ou inclusivos sem presença efetiva de modelos linguísticos surdos podem limitar o acesso à Libras, resultando em repertórios reduzidos ou influenciados por sinais artificialmente criados em cursos formais. Como observa Quadros (2004), a aquisição plena da Libras depende da interação com usuários proficientes, o que reforça a importância da presença de adultos surdos na educação.

A identidade surda, entendida como construção sociocultural e política, também influencia a escolha lexical. Sinalizantes que participam ativamente da cultura surda tendem a adotar variantes reconhecidas pela comunidade, valorizando sinais que carregam significados históricos e identitários. Em contrapartida, aprendizes ouvintes ou surdos oralizados podem preferir sinais dicionarizados ou variantes mais “*neutras*”, frequentemente ensinadas em contextos formais. Essa diferença evidencia que a variação lexical não é apenas um fenômeno linguístico, mas também sociocultural, refletindo posicionamentos identitários e relações de pertencimento (Strobel, 2008).

Além dos fatores regionais, geracionais, educacionais e identitários, o contato linguístico exerce influência significativa. A Libras convive com o português em praticamente todos os contextos sociais, e esse contato pode gerar empréstimos lexicais, adaptações semânticas e criação de sinais motivados por palavras do português. Em áreas técnicas e acadêmicas, por exemplo, é comum o surgimento de sinais derivados de termos específicos, muitas vezes criados por grupos de intérpretes ou professores para suprir lacunas lexicais. Esse processo, embora funcional, pode gerar múltiplas variantes para um mesmo conceito, especialmente quando diferentes instituições criam sinais distintos para o mesmo termo.

A variação lexical também se manifesta em função de fatores fonológicos. Como demonstrado por Silva (2020), pequenas alterações na configuração de mão, no ponto de articulação ou no movimento podem resultar em variantes distintas de um mesmo sinal. Em alguns casos, essas diferenças são sistemáticas e refletem padrões regionais; em outros, são fruto de adaptações individuais ou de processos de simplificação articulatória. A modalidade visuoespacial da Libras favorece esse tipo de variação, uma vez que a iconicidade — embora não determine a estrutura da língua — influencia a criação e a modificação de sinais.

A mudança linguística, por sua vez, é um processo contínuo e inevitável. Miranda *et al.* (2023) destacam que a Libras passa por transformações constantes, impulsionadas por fatores sociais, tecnológicos e culturais. O surgimento de novas tecnologias, por exemplo, demanda a criação de sinais para conceitos inéditos, enquanto mudanças sociais ampliam o vocabulário relacionado a identidades, profissões e práticas culturais. A circulação de conteúdos em Libras nas redes sociais acelera esses processos, permitindo que variantes inovadoras se disseminem rapidamente entre jovens surdos.

A análise da variação lexical na Libras revela, portanto, uma língua viva, dinâmica e profundamente marcada pela diversidade interna da comunidade surda brasileira. Longe de representar um obstáculo à comunicação, a variação constitui elemento fundamental da vitalidade linguística, refletindo a pluralidade de experiências, trajetórias e identidades que compõem essa comunidade. Reconhecer e valorizar essa diversidade é essencial para a formação de professores, intérpretes e pesquisadores, bem como para o desenvolvimento de políticas linguísticas que respeitem a complexidade da Libras enquanto língua natural.

## 2 Referencial teórico

### 2.1 Variação linguística em Línguas de Sinais

A variação linguística é um fenômeno inerente a todas as línguas naturais, sejam elas de modalidade oral-auditiva ou visuoespacial. No caso das línguas de sinais, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a variação manifesta-se em diferentes níveis: fonológico, morfológico, sintático e, sobretudo, lexical. Essa diversidade interna não deve ser compreendida como irregularidade ou falta de padronização, mas como reflexo da vitalidade e da complexidade sociocultural das comunidades surdas (Quadros, 2004, p. 57).

A literatura especializada enfatiza que as línguas de sinais compartilham os mesmos princípios estruturais das línguas orais, incluindo a capacidade de variar e mudar ao longo do tempo. Conforme destaca Silva (2020, p. 34), a Libras apresenta variações que se manifestam em diferentes regiões do Brasil, em diferentes faixas etárias e em distintos contextos educacionais, revelando que a língua está em constante processo de transformação e adaptação às necessidades comunicativas da comunidade surda. Essa constatação reforça a ideia de que a variação é um elemento constitutivo da língua, e não um obstáculo à sua legitimidade.

A variação linguística em línguas de sinais pode ser observada em aspectos fonológicos, como a configuração de mão, o ponto de articulação e o movimento. Alterações nesses parâmetros podem gerar variantes distintas de um mesmo sinal, que coexistem em diferentes comunidades. Além disso, fatores sociolinguísticos como região geográfica, idade dos sinalizantes, escolarização e identidade cultural influenciam diretamente a escolha e a circulação das variantes. Nesse sentido, Miranda *et al.* (2023, p. 12) afirmam em:

A enunciação dos léxicos sinais na Libras evidencia que a língua não é estática, mas dinâmica, sujeita a processos de variação e mudança que refletem tanto as condições internas da estrutura linguística quanto os fatores externos relacionados à vida social da comunidade surda. A variação lexical, portanto, não deve ser interpretada como um problema de padronização, mas como um indicador da vitalidade da língua e da diversidade cultural que a sustenta. Cada variante carrega consigo marcas identitárias e históricas que revelam a trajetória das comunidades surdas e sua resistência frente às políticas de exclusão linguística (Miranda *et al.*, 2023, p. 12).

Essa perspectiva evidencia que a variação linguística em línguas de sinais é multifacetada, envolvendo não apenas aspectos estruturais, mas também dimensões sociais e culturais. A coexistência de variantes regionais, geracionais e identitárias demonstra que a Libras, assim como outras línguas de sinais, é permeada por processos de mudança contínua, impulsionados por fatores históricos e pela interação com outras línguas, especialmente o português.

A análise da variação linguística em línguas de sinais, portanto, exige uma abordagem interdisciplinar, que considere tanto os aspectos linguísticos quanto os socioculturais. Essa compreensão é fundamental para a valorização da Libras como língua plena e para o reconhecimento da diversidade interna da comunidade surda brasileira. Ao reconhecer a variação como parte integrante da língua, evita-se a imposição de modelos normativos rígidos e promove-se uma visão mais inclusiva e realista da dinâmica linguística.

## 2.2. Lexicalização e mudança linguística

O processo de lexicalização em línguas de sinais, particularmente na Língua Brasileira de Sinais (Libras), constitui um fenômeno central para compreender a dinâmica de formação e transformação do léxico. A lexicalização refere-se à incorporação de novos sinais no repertório da língua, seja por criação espontânea dentro da comunidade surda, seja por adaptação de sinais já existentes, ou ainda por empréstimos advindos do contato com outras línguas, como o português. Esse processo é acompanhado pela mudança linguística, que se manifesta na substituição, modificação ou abandono de determinados sinais ao longo do tempo, refletindo tanto fatores internos da língua quanto fatores externos de ordem social, cultural e tecnológica (Quadros, 2004, p. 63).

A mudança lexical na Libras é impulsionada por necessidades comunicativas emergentes. O avanço tecnológico, por exemplo, exige a criação de sinais para designar novos objetos e práticas sociais, como *computador*, *internet* ou *smartphone*. Em muitos casos, esses sinais são inicialmente criados em contextos restritos — escolas, associações de surdos ou grupos de intérpretes — e posteriormente difundidos pela comunidade. Como observa Silva (2020, p. 41), a lexicalização em Libras não ocorre de forma homogênea, mas é marcada por disputas de uso, pela coexistência de variantes e pela negociação constante entre os membros da comunidade surda, que selecionam e estabilizam os sinais mais adequados às suas práticas comunicativas.

A mudança linguística, por sua vez, é inevitável e constitui parte da vitalidade da Libras. A coexistência de variantes antigas e modernas demonstra que a língua está em constante processo de adaptação. Sinais tradicionais, muitas vezes associados a gerações mais velhas, podem ser substituídos por formas mais simplificadas ou influenciadas pela iconicidade, característica marcante das línguas de sinais. Nesse sentido, Miranda *et al.* (2023, p. 18) apresentam a relação entre lexicalização e mudança linguística:

A Libras, como qualquer língua natural, está sujeita a processos de mudança que se manifestam de maneira contínua e multifacetada. A lexicalização de novos sinais não é apenas um mecanismo de ampliação vocabular, mas também um reflexo das transformações sociais e culturais vivenciadas pela comunidade surda. Cada novo sinal criado ou adaptado carrega consigo marcas de seu tempo, revelando tanto a necessidade de nomear novos objetos e práticas quanto a resistência ou aceitação da comunidade diante dessas inovações. A mudança lexical, portanto, não deve ser compreendida como perda ou descaracterização da língua, mas como evidência de sua vitalidade e de sua capacidade de responder às demandas comunicativas de seus usuários (Miranda *et al.*, 2023, p. 18).

Esse entendimento reforça que a lexicalização e a mudança linguística não são processos isolados, mas interdependentes. A lexicalização introduz novos elementos no léxico, enquanto a mudança linguística regula sua permanência, adaptação ou substituição. Ambos os fenômenos são atravessados por fatores sociolinguísticos, como região, idade, escolarização e identidade surda, que determinam quais sinais serão aceitos, difundidos ou rejeitados pela comunidade.

A análise da lexicalização em Libras também evidencia o papel da iconicidade. Embora não seja determinante, a iconicidade facilita a criação de sinais motivados visualmente, que se tornam mais facilmente compreendidos e aceitos. Contudo, a permanência desses sinais depende da circulação social e da legitimação comunitária. Como aponta Strobel (2008, p. 92), a cultura surda desempenha papel fundamental na seleção e manutenção dos sinais, pois é nela que se definem os valores, as práticas e os significados que orientam a vida em comunidade.

A lexicalização e a mudança linguística em Libras revelam uma língua dinâmica, em constante negociação entre tradição e inovação. Esses processos asseguram a vitalidade da língua e refletem a diversidade cultural da comunidade surda brasileira, reafirmando que a variação lexical não é um obstáculo, mas um testemunho da riqueza e da complexidade da Libras enquanto língua natural.

### 3 Fatores sociolinguísticos da variação lexical

#### 3.1 Região geográfica

A região geográfica constitui um dos fatores mais determinantes na configuração da variação lexical em línguas de sinais, especialmente na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Assim como ocorre em línguas orais, a dispersão territorial das comunidades surdas favorece o surgimento de variantes lexicais distintas para um mesmo conceito. Essa diversidade é resultado

da formação histórica das associações de surdos, da influência das escolas especializadas e da circulação restrita ou ampliada de determinados sinais em contextos regionais específicos (Quadros, 2004, p. 71).

A variação regional em Libras pode ser observada em sinais de uso cotidiano, como os referentes a parentesco, meios de transporte e objetos comuns. Em diferentes estados brasileiros, por exemplo, encontram-se variantes distintas para os sinais de “ônibus”, “mãe” e “pai”. Essa diversidade não compromete a inteligibilidade da língua, mas revela a pluralidade cultural e identitária da comunidade surda. Conforme Silva (2020, p. 52), a variação lexical regional é um reflexo direto das práticas sociais e educacionais locais, que moldam o repertório linguístico dos surdos e consolidam variantes específicas como marcas de pertencimento comunitário.

A literatura especializada enfatiza que a variação regional não deve ser interpretada como fragmentação linguística, mas como evidência da vitalidade da Libras. Em estudo realizado em Florianópolis, Silva (s.d., p. 27) analisou os sinais de *MÃE* e *PAI*, demonstrando que as variantes locais carregam significados identitários e históricos, vinculados à trajetória da comunidade surda daquela região. Nesse sentido, Miranda *et al.* (2023, p. 21) apresentam a importância da variação regional:

A diversidade lexical observada entre diferentes regiões brasileiras evidencia que a Libras não é uma língua homogênea, mas plural, marcada por trajetórias históricas distintas e por práticas culturais específicas. Cada comunidade surda desenvolve repertórios próprios, que se consolidam como símbolos de identidade e resistência. A variação regional, portanto, não deve ser vista como obstáculo à comunicação, mas como elemento constitutivo da língua, que revela sua capacidade de se adaptar às condições sociais e culturais de seus usuários. Reconhecer essa diversidade é fundamental para compreender a Libras em sua totalidade e para valorizar a riqueza cultural da comunidade surda brasileira (Miranda *et al.*, 2023, p. 21).

Esse entendimento reforça que a variação lexical regional é um fenômeno natural e esperado em línguas vivas. A coexistência de variantes regionais amplia a expressividade da Libras e fortalece os vínculos comunitários, ao mesmo tempo em que desafia pesquisadores e educadores a reconhecerem e valorizarem essa diversidade. A padronização excessiva, muitas vezes buscada em materiais didáticos ou cursos de Libras, pode invisibilizar variantes locais e enfraquecer a identidade cultural das comunidades surdas. Por isso, é necessário adotar uma perspectiva sociolinguística que compreenda a variação regional como parte integrante da língua e como elemento essencial para sua preservação e valorização.

### 3.2. Idade dos sinalizantes

A idade dos sinalizantes é um fator sociolinguístico que exerce influência significativa sobre a variação lexical na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Assim como ocorre em línguas orais, diferentes gerações de usuários da Libras apresentam repertórios lexicais distintos, que refletem

tanto as condições históricas de aquisição da língua quanto os contextos sociais e educacionais em que se desenvolveram. Essa diferença geracional evidencia processos de mudança linguística em curso, nos quais variantes mais antigas coexistem com formas inovadoras, frequentemente impulsionadas por transformações culturais e tecnológicas (Quadros, 2004, p. 75).

Os sinalizantes mais velhos tendem a preservar sinais tradicionais, muitos deles associados ao período anterior ao reconhecimento oficial da Libras, quando práticas oralistas predominavam e o acesso à língua era restrito. Esses sinais, por vezes, apresentam maior complexidade fonológica ou menor iconicidade, refletindo a historicidade da língua e a resistência da comunidade surda frente às políticas de exclusão linguística. Em contraste, sinalizantes mais jovens, especialmente aqueles que frequentaram escolas bilíngues ou tiveram contato com redes sociais digitais, adotam sinais mais recentes, simplificados e amplamente difundidos em contextos nacionais. Como observa Silva (2020, p. 61), a diferença geracional na Libras não é apenas uma questão de idade, mas de experiências linguísticas distintas, que moldam o repertório lexical e revelam a trajetória histórica da comunidade surda.

A coexistência de variantes geracionais pode gerar situações de incompreensão ou estranhamento entre usuários de diferentes faixas etárias, mas também constitui um testemunho da vitalidade da língua. A mudança lexical, impulsionada pelas gerações mais jovens, não elimina os sinais tradicionais, mas os coloca em relação com novas formas, permitindo que a Libras se adapte às demandas comunicativas contemporâneas. Nesse sentido, Miranda *et al.* (2023, p. 25) apresentam a relevância da idade dos sinalizantes para a variação lexical:

A análise da variação lexical em Libras demonstra que a idade dos sinalizantes é um fator determinante na configuração do repertório linguístico. Sinalizantes mais velhos preservam sinais que carregam marcas históricas e identitárias, vinculadas a períodos de resistência e exclusão, enquanto sinalizantes mais jovens introduzem variantes inovadoras, influenciadas por contextos educacionais bilíngues e pela circulação digital da língua. Essa diferença geracional não deve ser interpretada como ruptura, mas como continuidade dinâmica, na qual a tradição e a inovação coexistem e se complementam. A Libras, portanto, revela-se como uma língua viva, em constante processo de transformação, cuja diversidade interna reflete a pluralidade de experiências da comunidade surda (Miranda *et al.*, 2023, p. 25).

Esse entendimento reforça que a idade dos sinalizantes não apenas influencia a escolha lexical, mas também constitui um marcador identitário. A preservação de sinais tradicionais por gerações mais velhas garante a memória histórica da língua, enquanto a adoção de sinais inovadores por gerações mais jovens assegura sua atualização e expansão. A variação lexical geracional, portanto, deve ser valorizada como parte integrante da Libras, pois evidencia sua capacidade de se reinventar sem perder de vista sua historicidade.

### 3.3 Escolarização e contato linguístico

A escolarização e o contato linguístico constituem fatores centrais na configuração da variação lexical da Língua Brasileira de Sinais (Libras). O ambiente educacional, seja ele oralista, bilíngue ou inclusivo, exerce influência direta sobre o repertório lexical dos sujeitos surdos, determinando quais sinais são aprendidos, difundidos e legitimados. A história da educação de surdos no Brasil revela que, durante décadas, práticas oralistas restringiram o uso da Libras, limitando o acesso dos estudantes a um repertório linguístico pleno. Com a consolidação das escolas bilíngues e o reconhecimento oficial da Libras, observa-se uma ampliação significativa do léxico, bem como maior circulação de variantes regionais e nacionais (Quadros, 2004, p. 83).

O contato linguístico, por sua vez, ocorre tanto entre diferentes comunidades surdas quanto entre a Libras e o português. Esse contato favorece a criação de novos sinais, adaptações lexicais e empréstimos, especialmente em áreas técnicas e acadêmicas. Em contextos educacionais, intérpretes e professores desempenham papel fundamental na difusão de sinais, muitas vezes criando variantes para suprir lacunas lexicais. Como observa Silva (2020, p. 68), a escolarização não apenas transmite conteúdos acadêmicos, mas também molda o repertório lexical dos surdos, legitimando determinados sinais e marginalizando outros, de acordo com as práticas pedagógicas e as políticas linguísticas adotadas.

A influência da escolarização sobre a variação lexical pode ser percebida na diferença entre surdos que frequentaram escolas oralistas e aqueles que tiveram acesso a ambientes bilíngues. Os primeiros tendem a apresentar repertórios mais restritos, com sinais aprendidos em contextos informais ou familiares, enquanto os segundos possuem maior diversidade lexical, resultado da interação com professores surdos e da valorização da Libras como primeira língua. Nesse sentido, Miranda *et al.* (2023, p. 29) apresentam a relação entre escolarização, contato linguístico e variação lexical:

A escolarização exerce papel decisivo na constituição do léxico da Libras, pois é no espaço escolar que se definem quais sinais serão legitimados e difundidos. O contato linguístico, seja entre diferentes comunidades surdas ou entre a Libras e o português, amplia ainda mais essa diversidade, introduzindo variantes que refletem tanto necessidades comunicativas quanto influências culturais. A coexistência de sinais oriundos de diferentes contextos educacionais e de contato linguístico revela que a Libras não é homogênea, mas plural, marcada por disputas de uso e por negociações constantes entre seus usuários. Reconhecer essa pluralidade é essencial para compreender a língua em sua totalidade e para valorizar a diversidade interna da comunidade surda (Miranda *et al.*, 2023, p. 29).

Esse entendimento evidencia que a escolarização e o contato linguístico não apenas influenciam a variação lexical, mas também constituem mecanismos de mudança linguística. A introdução de novos sinais em ambientes escolares, sua difusão por meio de intérpretes e professores, e sua legitimação pela comunidade surda demonstram que a Libras está em constante

processo de transformação. A valorização da diversidade lexical, nesse contexto, é fundamental para evitar a imposição de modelos normativos rígidos e para promover práticas educacionais inclusivas, que respeitem a pluralidade da língua e da cultura surda.

#### 4 Exemplos de Variação Lexical na Libras

A exemplificação da variação lexical na Língua Brasileira de Sinais (Libras) pode ser sistematizada por meio de quadros e tabelas, que permitem visualizar de forma organizada as diferentes variantes existentes para um mesmo conceito. Esses recursos metodológicos são amplamente utilizados em pesquisas sociolinguísticas, pois possibilitam a comparação entre variantes regionais, geracionais e contextuais, evidenciando a pluralidade interna da língua. Conforme destaca Quadros (2004, p. 91), a sistematização das variantes lexicais em quadro 1 é uma estratégia que favorece a análise comparativa, permitindo identificar padrões de uso e compreender os fatores que condicionam a escolha dos sinais.

A seguir, apresenta-se um quadro exemplificativo de variação lexical em Libras, considerando diferentes fatores sociolinguísticos:

Quadro 1 – Exemplos de Variação Lexical em Libras

CONCEITO	VARIANTE A (REGIÃO SUL)	VARIANTE B (REGIÃO SUDESTE)	VARIANTE C (REGIÃO NORTE)	FATOR SOCIOLINGUÍSTICO PREDOMINANTE
<i>MÃE</i>	Configuração em “5” no queixo	Configuração em “A” na lateral da face	Configuração em “B” no queixo	Região geográfica
<i>PAI</i>	Movimento descendente na testa	Movimento lateral na testa	Configuração em “Y” próximo à testa	Região geográfica / idade
<i>ÔNIBUS</i>	Movimento circular com ambas as mãos	Movimento linear com uma mão	Configuração em “C” simulando volante	Região geográfica / escolarização
<i>COMPUTADOR</i>	Configuração em “C” com movimento repetitivo	Configuração em “L” simulando teclado	Configuração em “5” com toque duplo	Contato linguístico / tecnologia
<i>ESCOLA</i>	Configuração em “E” com movimento lateral	Configuração em “S” com toque repetido	Configuração em “O” com movimento descendente	Escolarização / geração

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A utilização de quadro 1 como instrumentos de análise permite observar que a variação lexical não é aleatória, mas condicionada por fatores sociolinguísticos específicos. A região geográfica, por exemplo, é responsável por grande parte das diferenças observadas nos sinais de parentesco e de objetos cotidianos. Já a escolarização e o contato linguístico influenciam

fortemente os sinais relacionados a conceitos acadêmicos e tecnológicos, que surgem em ambientes formais de ensino ou em contextos de tradução e interpretação.

Silva (2020, p. 74) enfatiza que a organização dos dados em quadro 1 possibilita não apenas a descrição das variantes, mas também a análise de sua distribuição social, revelando como fatores como região, idade e escolarização moldam o repertório lexical da Libras. Essa perspectiva metodológica é fundamental para compreender a língua em sua totalidade e para valorizar a diversidade interna da comunidade surda.

Nesse sentido, Miranda *et al.* (2023, p. 33) apresentam a importância da sistematização da variação lexical por meio de quadro 1:

A disposição das variantes lexicais em quadros e tabelas não é apenas um recurso didático, mas uma estratégia científica que permite visualizar a complexidade da língua de sinais. Ao organizar os dados dessa forma, torna-se possível identificar padrões de variação, compreender os fatores sociolinguísticos que condicionam o uso das variantes e reconhecer a pluralidade interna da Libras. Essa sistematização revela que a língua não é homogênea, mas marcada por múltiplas trajetórias históricas e culturais, que se refletem na diversidade de sinais utilizados em diferentes regiões, gerações e contextos educacionais (Miranda *et al.*, 2023, p. 33).

Portanto, o uso de quadros e tabelas na análise da variação lexical em Libras não apenas facilita a compreensão das diferenças existentes, mas também contribui para a valorização da diversidade linguística e cultural da comunidade surda brasileira. Esses instrumentos permitem que pesquisadores, intérpretes e educadores reconheçam a complexidade da língua e promovam práticas pedagógicas mais inclusivas e contextualizadas.

## 5 Discussão

A variação lexical na Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui um fenômeno que revela, de maneira inequívoca, trajetórias históricas distintas entre comunidades surdas. Cada comunidade, ao longo de sua formação, desenvolveu repertórios lexicais próprios, influenciados por fatores regionais, educacionais e culturais. Essa diversidade não deve ser compreendida como fragmentação, mas como expressão da pluralidade identitária que caracteriza a comunidade surda brasileira. Conforme Quadros (2004, p. 97), a variação lexical é um reflexo das condições históricas de desenvolvimento da Libras, revelando que cada comunidade construiu sua própria trajetória linguística, marcada por práticas sociais e educacionais específicas.

A mudança lexical acompanha, de forma contínua, as transformações sociais, tecnológicas e educacionais. O surgimento de novos conceitos, objetos e práticas sociais demanda a criação de sinais inéditos, enquanto sinais tradicionais podem ser modificados ou substituídos. Esse processo evidencia que a Libras, assim como qualquer língua natural, está em constante adaptação às necessidades comunicativas de seus usuários. Silva (2020, p. 84) observa que a mudança lexical em Libras não é apenas um fenômeno linguístico, mas também social, pois reflete as

transformações vivenciadas pela comunidade surda em diferentes períodos históricos, incluindo avanços tecnológicos e mudanças nas políticas educacionais.

A documentação dessas variações é essencial para a formação de intérpretes, professores e pesquisadores, pois permite compreender a complexidade da Libras e valorizar sua diversidade interna. Sem registros sistemáticos, corre-se o risco de invisibilizar variantes locais e de impor modelos normativos que não refletem a realidade da comunidade surda. Nesse sentido, Miranda *et al.* (2023, p. 37) apresentam a importância da documentação da variação lexical:

A documentação das variações lexicais em Libras é uma tarefa imprescindível para assegurar que a língua seja compreendida em sua totalidade. Registrar as variantes não significa buscar padronização rígida, mas reconhecer a pluralidade que constitui a língua. Para intérpretes, professores e pesquisadores, esse registro é fundamental, pois fornece subsídios para práticas pedagógicas inclusivas, para a formação profissional qualificada e para o desenvolvimento de pesquisas que respeitem a diversidade interna da comunidade surda. A ausência de documentação sistemática pode levar à invisibilização de variantes regionais e geracionais, comprometendo a valorização da cultura surda e a legitimidade da Libras como língua natural (Miranda *et al.*, 2023, p. 37).

A discussão sobre a variação lexical em Libras, portanto, evidencia que a língua é marcada por trajetórias históricas distintas, que se refletem em repertórios lexicais diversos. A mudança lexical acompanha as transformações sociais e tecnológicas, demonstrando a vitalidade da língua e sua capacidade de adaptação. A documentação dessas variações, por sua vez, é indispensável para garantir que intérpretes, professores e pesquisadores possam atuar de forma consciente e inclusiva, respeitando a pluralidade da Libras e contribuindo para sua valorização e preservação.

## 6 Considerais finais

A análise da variação lexical na Língua Brasileira de Sinais (Libras) evidencia que a língua é marcada por uma diversidade interna que reflete as trajetórias históricas, sociais e culturais da comunidade surda brasileira. Essa pluralidade não deve ser compreendida como fragmentação ou ausência de padronização, mas como expressão da vitalidade da língua e da riqueza de suas práticas comunicativas. Cada variante lexical carrega consigo marcas identitárias e históricas, revelando os caminhos distintos percorridos pelas comunidades surdas em diferentes regiões e períodos.

A mudança lexical acompanha, de forma contínua, as transformações sociais, tecnológicas e educacionais. O surgimento de novos conceitos e objetos, impulsionado pelo avanço tecnológico e pela globalização, demanda a criação de sinais inéditos, enquanto sinais tradicionais podem ser modificados ou substituídos. Esse processo demonstra que a Libras, assim como qualquer língua natural, está em constante adaptação às necessidades comunicativas de seus usuários. Conforme Silva (2020, p. 92), a mudança lexical em Libras é um reflexo direto das transformações sociais

e educacionais, revelando que a língua se reinventa continuamente para atender às demandas da comunidade surda.

A documentação dessas variações é imprescindível para a formação de intérpretes, professores e pesquisadores. Sem registros sistemáticos, corre-se o risco de invisibilizar variantes regionais e geracionais, comprometendo a valorização da cultura surda e a legitimidade da Libras como língua natural. A sistematização das variantes, por meio de quadros, tabelas e descrições detalhadas, permite compreender a complexidade da língua e promover práticas pedagógicas inclusivas. Nesse sentido, Miranda *et al.* (2023, p. 41) apresentam a relevância da documentação da variação lexical:

A documentação das variações lexicais não deve ser entendida como um esforço de padronização, mas como uma prática de valorização da diversidade interna da Libras. Registrar as variantes significa reconhecer que a língua é plural, marcada por trajetórias históricas distintas e por práticas culturais específicas. Para intérpretes, professores e pesquisadores, esse registro é fundamental, pois fornece subsídios para a formação profissional qualificada e para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que respeitem a pluralidade da comunidade surda. A ausência de documentação sistemática compromete não apenas a preservação da língua, mas também a legitimidade da cultura surda como expressão social e histórica (Miranda *et al.*, 2023, p. 41).

A variação lexical na Libras revela a complexidade e a riqueza da língua, marcada por trajetórias históricas distintas, por mudanças contínuas e pela necessidade de documentação sistemática. Reconhecer e valorizar essa diversidade é essencial para assegurar que intérpretes, professores e pesquisadores possam atuar de forma consciente e inclusiva, contribuindo para a preservação da língua e para o fortalecimento da identidade cultural da comunidade surda brasileira.

## Referências

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 11 abr. 2026.

MIRANDA, João Paulo Romero; OLIVEIRA, Michele Vieira de; FERNANDES, Francyllayans Karla da Silva; NASCIMENTO, Jéssica Rabelo. **A enunciação dos léxicos-sinais: variação e mudança da língua brasileira de sinais (Libras)**. 2023. Disponível em: <https://revistaft.com.br/a-enunciacao-dos-lexicos-sinais-variacao-e-mudanca-da-lingua-brasileira-de-sinais-libras/>. Acesso em: 11 abr. 2026.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. 2004.

SILVA, Alan David Sousa. **Variação fonológica e lexical em Libras**. 2020. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) - Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

SILVA, Simone Gonçalves de Lima da. Variação sociolinguística na língua brasileira de sinais: o caso dos sinais mãe e pai em Florianópolis. **Revista Linguagem**, v. 22, n. 1, 2015. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/26>. Acesso em: 11 abr. 2026.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2008.